

PERIODICIDADE | BIMESTRAL

 **SET.OUT**

ISSN 2595-217X

2018

C
S
E
M

CO
MÉR
CIO

VAREJISTA



IMESC

INSTITUTO MARANHENSE DE
ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS
E CARTOGRÁFICOS

Nota Bimestral de Conjuntura Econômica
sobre Comércio Varejista do ano de 2018.
Esta nota é um dos produtos do Boletim
de Conjuntura Econômica Maranhense.

GOVERNADOR DO ESTADO DO MARANHÃO

Flávio Dino de Castro e Costa

SECRETÁRIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

Cynthia Celina de Carvalho Mota Lima

PRESIDENTE DO INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS

Felipe Macedo de Holanda

DIRETOR DE ESTUDOS E PESQUISAS

Dionatan Silva Carvalho

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE DADOS

Lígia do Nascimento Teixeira

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Carolina Araújo Quintanilha

DIRETOR DE ESTUDOS AMBIENTAIS E CARTOGRÁFICOS

Josiel Ribeiro Ferreira

ELABORAÇÃO

Carlos Eduardo Nascimento Campos

REVISÃO TÉCNICA

Erivam de Jesus Rabelo Pinto Junior

João Carlos Souza Marques

EQUIPE DE CONJUNTURA

João Carlos Souza Marques

Marlana Portilho Rodrigues

Matheus Pereira Farias

Paulo Eduardo Robson Mendes

Rafael Thalysson Costa Silva

Renan Lessa da Costa

Talita de Sousa Nascimento

Victor Gomes Teixeira

Aline de Avila Rocha

Anderson Nunes Silva

Carlos Eduardo Nascimento Campos

Dionatan Silva Carvalho

Erivam de Jesus Rabelo Pinto Junior

Geilson Bruno Pestana Moraes

Gianna Beatriz Cantanhede Rocha de Lima

Jainne Soares Coutinho

DIAGRAMAÇÃO

Camila Carneiro

CAPA/DIREÇÃO DE ARTE

Yvens Goulart

Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos-IMESC.

Comércio varejista. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos-IMESC. v.4, n.5, set./out. – São Luís: IMESC, 2018.

08p.

Bimestral

1. Comércio varejista. 2. Maranhão. I. Título

CDU: 339.176 (812.1)

Apresentação

O Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos - IMESC apresenta a Nota Bimestral de Conjuntura Econômica sobre Comércio Varejista do ano de 2018, referente aos meses de setembro a outubro. Esta nota é um subproduto do Boletim de Conjuntura Econômica que é publicado trimestralmente. Analisa-se aqui o comportamento do comércio varejista no cenário nacional, por meio dos dados da Pesquisa Mensal do Comércio - PMC, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE; e das pesquisas nacionais de: Endividamento e Inadimplência do Consumidor – PEIC, Intenção de Consumo das Famílias (ICF), Índice de Confiança do Empresário do Comércio – ICEC, realizadas pela Confederação Nacional do Comércio – CNC. Também se analisa o nível de intenção de consumo pelo Índice de Confiança do Consumidor - ICC da Fundação Getúlio Vargas – FGV. Analisa-se o comportamento do comércio varejista no Estado do Maranhão, utilizando os dados da PMC, fazendo uma abordagem sobre o desempenho do volume de vendas do comércio varejista nas modalidades restrito e ampliado. Na análise sobre o comércio varejista na capital maranhense, utiliza-se a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Comércio – PEIC e a Intenção de Consumo das Famílias – ICF e o Índice de Confiança do Empresário do Comércio - ICEC, realizadas pela Confederação Nacional do Comércio – CNC e pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão - Fecomércio/MA. A análise sobre a venda de veículos novos e motos novas no Estado do Maranhão é realizada com base nos dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores – FENABRAVE, em conjunto com os dados de arrecadação estadual deste setor, disponibilizados pela Secretaria da Fazenda do Estado do Maranhão – SEFAZ.MA. Desta forma, a Nota Bimestral de Conjuntura Econômica do Comércio Varejista utiliza indicadores importantes para avaliar os impactos e a evolução do consumo privado sobre a atividade econômica no comércio varejista nacional e estadual.

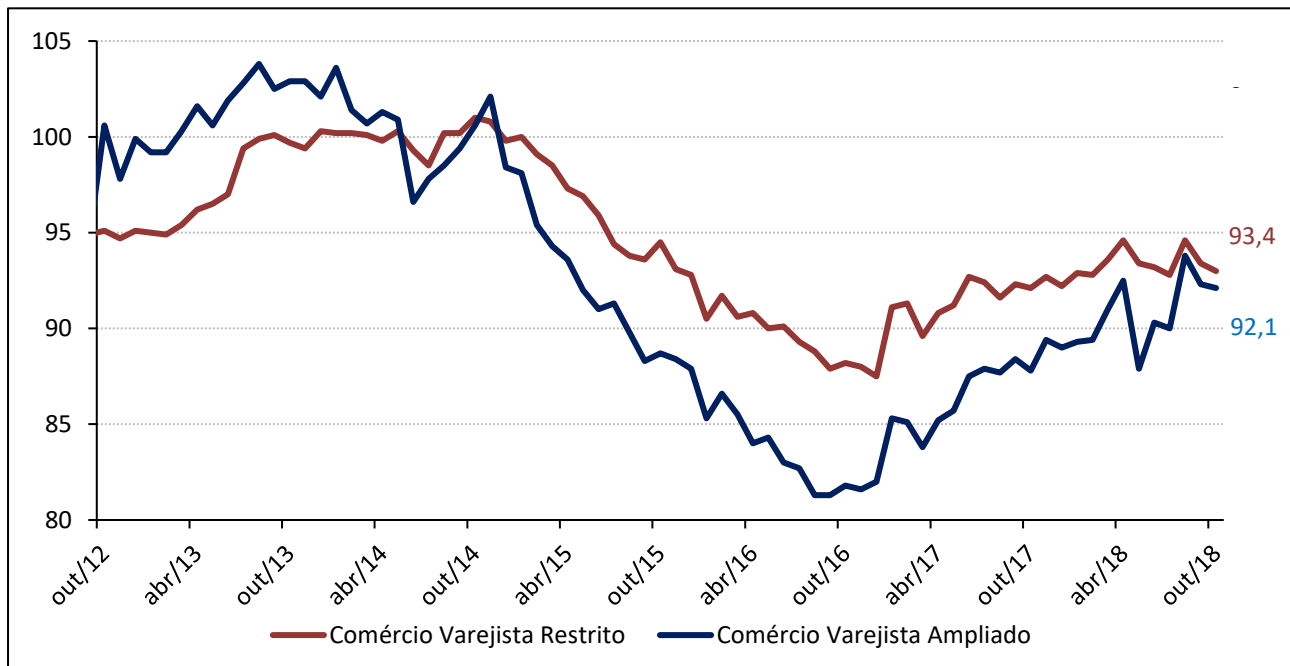
1. COMÉRCIO NACIONAL

1.1. Comércio

Com recuo de 0,4% em relação a setembro, o mês de outubro reduziu a trajetória de declínio no volume de vendas físicas do comércio nacional no terceiro bimestre de 2018.

A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) realizada pelo IBGE apontou recuo de 0,4% no volume de vendas físicas no comércio varejista nacional, na variação mensal entre setembro e outubro de 2018. A queda do volume de vendas em outubro deu-se pelo contingenciamento do orçamento das famílias em face às dificuldades de obter crédito e a necessidade de manter o seu padrão de consumo. O obstáculo ao crédito e motor do contingenciamento é o custo do endividamento medido pelas taxas de juros praticadas no mercado creditício. O recuo apontado pela PMC reduziu o resultado acumulado de 12 meses para 2,7% e no acumulado de janeiro a outubro de 2018 para 2,2%. Apesar da queda na variação mensal, ao comparar com o mesmo período em 2017, existe melhora no desempenho, avanço de 1,9 explicado pela menor oscilação de resultados em 2018 e manutenção dos pontos do índice de volume de vendas da PMC em níveis próximos do alcançado no último bimestre de 2017 (Gráfico 1).

Gráfico 1. Brasil: Índice do Volume de vendas físicas do Varejo Restrito e Ampliado com Ajuste Sazonal de out.12 a out.18.



Fonte: PMC, IBGE.

O segmento de combustíveis e lubrificantes apresentou redução do volume de vendas que era 2,0% em setembro e passou para 1,2% em outubro. Contribuiu para esta queda o aumento de preços de 0,92% no segmento, segundo o IPCA, somada a baixa demanda em outubro pelos serviços de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios, que caíram 0,2% em outubro, segundo dados da PMS.

O segmento de hipermercados, supermercados e produtos alimentícios contribuiu para a melhora do comércio ao sair de um recuo de 1,3% em setembro para crescimento de 0,3% em outubro. Este resultado é importante dado o tamanho deste segmento no comércio, com a Confederação Nacional do Comércio (CNC) projetando vendas de R\$ 12,4 bilhões para o final do ano.

Tabela 1. Brasil: Variações do volume de vendas físicas Mensais das Atividades do Comércio Varejista Ampliado em out. 2018

Atividades	Variação Mensal % (*)			Out/18 (**)	Acum. do ano (%)	12 meses %
	ago/18	set/18	out/18			
Comércio Varejista Restrito	1,9	-1,3	-0,4	1,9	2,2	2,7
Combustíveis e lubrificantes	3,7	-1,9	-1,2	-5,7	-5,7	-5,6
Hiper., super., prod. Alim., beb. e fumo	0,7	-1,3	0,3	2,2	4,1	4,4
Super e hipermercados	0,8	-1,2	0,2	2,1	4,4	4,9
Tecidos, vestuário e calçados	3,9	0,6	-2,0	4,1	-2,3	-0,1
Móveis e eletrodomésticos	2,0	1,5	-2,5	-1,8	-1,1	1,4
Móveis	-	-	-	-0,6	-3,3	-1,1
Eletrodomésticos	-	-	-	-2,2	0,6	2,9
Art. farm., méd., orto., perf. e cosm.	0,8	-0,3	0,9	6,8	5,5	5,9
Livros, jornais, revistas e papelaria	-4,3	-2,7	-7,4	-23,1	-11,2	-10,3
Equip. e mat. Escrit., inform. Comum.	1,5	-0,2	-0,8	3,2	0,1	-2,6
Outros art. uso pessoal e doméstico	2,4	-1,0	0,7	7,8	7,3	6,4
Comércio Varejista Ampliado	4,2	-1,6	-0,2	6,2	5,3	5,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	5,5	-0,1	0,1	20,1	16,2	14,7
Material de construção	3,8	-1,5	1,3	6,6	4,2	5,4

Fonte: PMC, IBGE.

O segmento de *livros, jornais, revistas e papelaria* apresentou recuo pelo sexto mês seguido com forte queda de 7,4% na variação mensal, em face do fechamento de pontos físicos de vendas, indicando contração de investimentos neste setor, resultado de redução de gastos das famílias e mudanças na preferência do consumidor que migra para o uso de meios eletrônicos em detrimento dos meios impressos.

O comércio varejista ampliado recuou 0,2% em volume de vendas em outubro de 2018 quando comparado ao mês anterior, a redução da queda pode ser creditada a melhoria no desempenho do segmento *materiais de construção* que inverteu da trajetória de recuo, avançando 1,3% em outubro frente a queda de 1,5% no mês anterior. O setor mostra avanço de 5,4% no comparativo dos últimos doze meses e sobre o mesmo período do ano passado em 6,6%.

Os segmentos do varejo restrito e ampliado apresentaram recuos em suas variações mensais, porém em ritmo menor que o do mês anterior. O resultado deu-se diante da melhora no mercado de trabalho que amplia o número de contratações no ultimo bimestre de 2018 criando no país 58.664 vagas formais de trabalho em novembro, segundo dados do CAGED. A maior capacidade de consumo das famílias responde por um dos principais motivos que levou o empresariado do comércio a ampliar o ritmo de contratações para 88.587 novos postos formais de trabalho em novembro. Entretanto, para recuperação mais robusta no volume de vendas do comércio, o mercado de trabalho precisa continuar avançando, pois o desemprego encontra-se em níveis elevados (12,4 milhões de desempregados, segundo a ultima PNAD do IBGE).

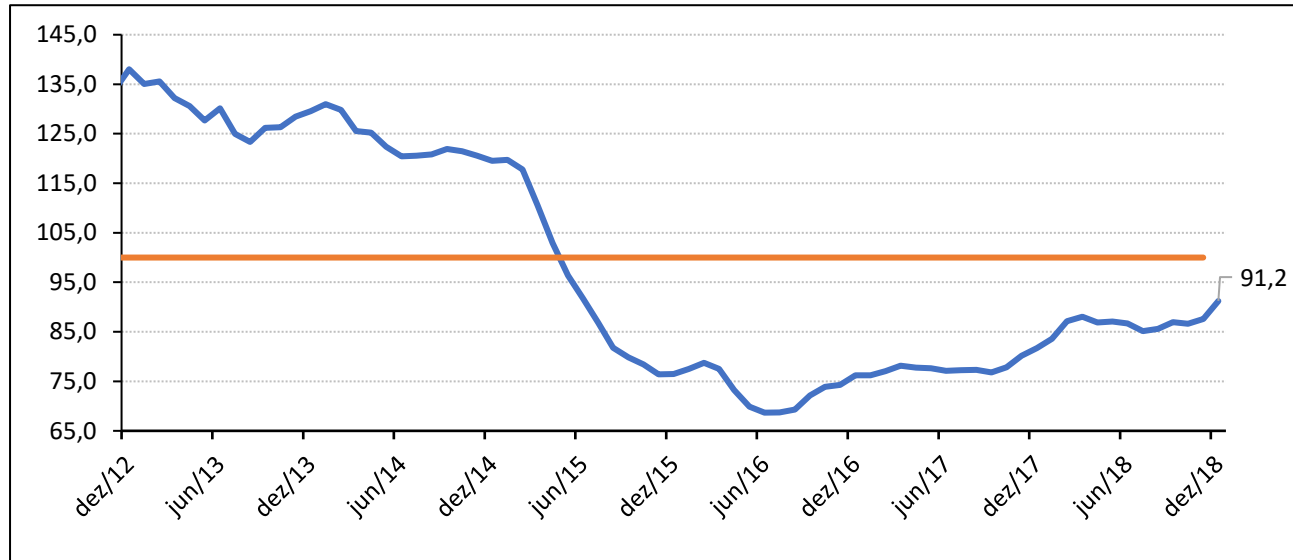
O maior nível de contratações formais em novembro contribuiu para estimativas de ampliação do faturamento do comércio. A CNC projetou vendas de R\$ 34,6 bilhões para dezembro de 2018, alta de 3,1% em relação ao desempenho alcançado no ano anterior.

1.1.1. Intenção de Consumo das Famílias

Ao atingir seu maior nível mensal desde 2010, o indicador Intenção de Consumo das Famílias (ICF) que mede a intenção de consumo das famílias realizado pela CNC avançou 4,2% em dezembro na variação mensal e ao atingir 91,2 pontos, aproximou-se do grau de satisfação da pesquisa que é de 100 pontos. Embora os dados da PMC indiquem queda de 2,5% na variação mensal do volume de vendas de *móveis e eletrodomésticos* em outubro, o indicador ICF aponta uma perspectiva positiva para as vendas

do setor de bens duráveis em dezembro, que subiu 11,1% juntamente com expectativas de consumo que avançaram 7,2%, ambos em sua variação mensal. Estas perspectivas seguem ancoradas na geração de vagas formais de trabalho que melhoram as perspectivas profissionais avaliadas nesta pesquisa com avanço de 5,1%.

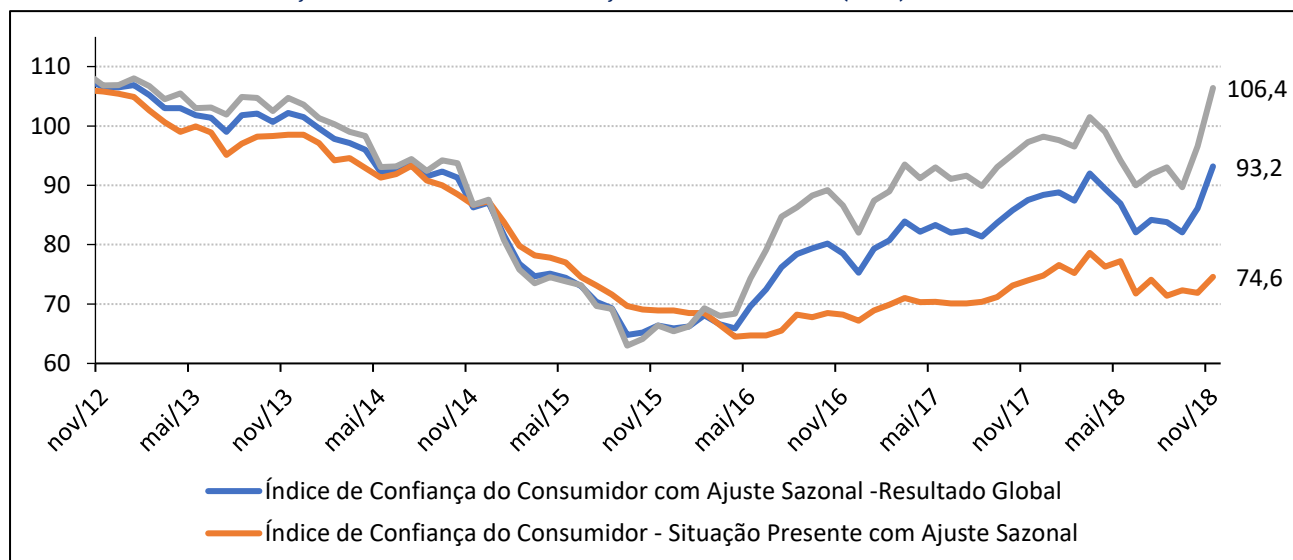
Gráfico 2. Brasil: Evolução do índice de Intenção de Consumo das Famílias (CNC) de dez.12 a dez.18.



Fonte: CNC.

O índice de confiança do consumidor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que capta a avaliação do consumidor relacionada a suas finanças pessoais e percepção de gastos presente e futuro, alcançou 93,2 pontos em novembro. O subcomponente responsável pelo desempenho do índice foi perspectiva positiva do consumidor que aponta para expansão dos gastos, alcançando 106,4 pontos em sua evolução das expectativas com ajuste sazonal. A melhora do cenário futuro do consumo colabora para tracionar positivamente os dados da situação presente que estão baixos dado o cenário de baixa poupança das famílias no segundo trimestre de 2018, identificado na pesquisa e que alcançou 74,6 pontos com ajuste sazonal (Gráfico 3).

Gráfico 3. Brasil: Evolução do Índice de Confiança do Consumidor (FGV) de nov.12 a nov.18.



Fonte: FGV.

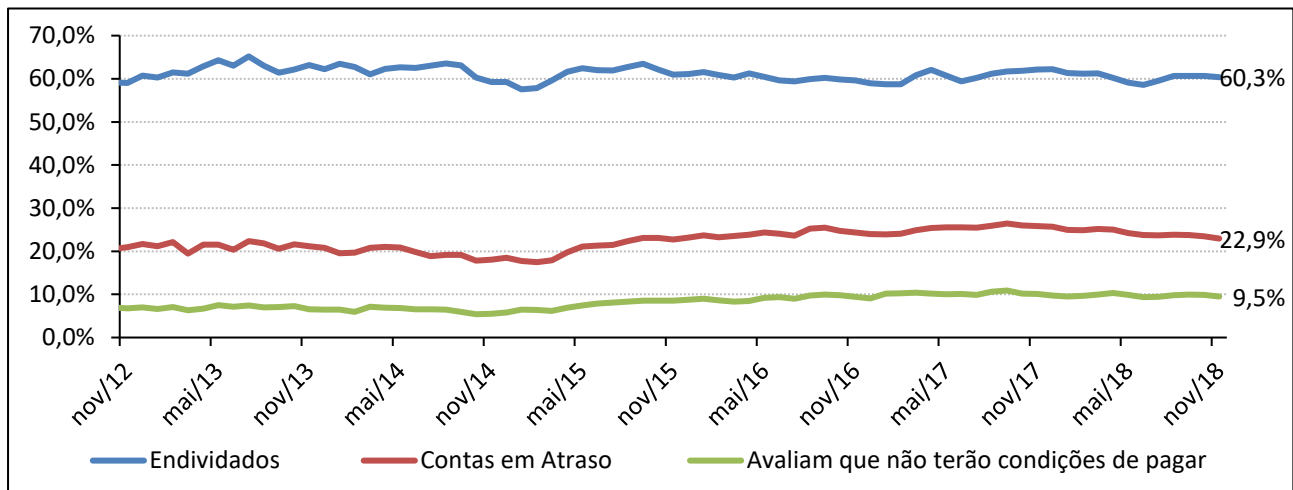
1.1.2. Endividamento, Inadimplência e Crédito

Em novembro de 2018, a PEIC medida pela CNC indicou estabilização do nível de endividamento no comércio nacional em 60,3%, indicando que não houve expansão na contração de crédito pelas famílias para o consumo.

Apesar do aumento da massa de rendimentos provenientes do aumento das vagas formais de trabalho, estes ainda não são suficientes para manter o ritmo de vendas apresentado em agosto deste ano. Isto porque, embora os níveis de endividamento e inadimplência estejam regredindo lentamente, ainda estão em um patamar elevado, absorvendo recursos das famílias para a quitação de dívidas.

Os níveis elevados de inadimplência apontam que em outubro 9,5% das famílias declararam não ter condições de pagar suas dívidas e 22,9% das famílias declararam ter contas em atraso. Estes dados contribuem para tornar o crédito disponibilizado pelo mercado financeiro mais caro, reduzindo as compras a prazo feitas no comércio (Gráfico 4).

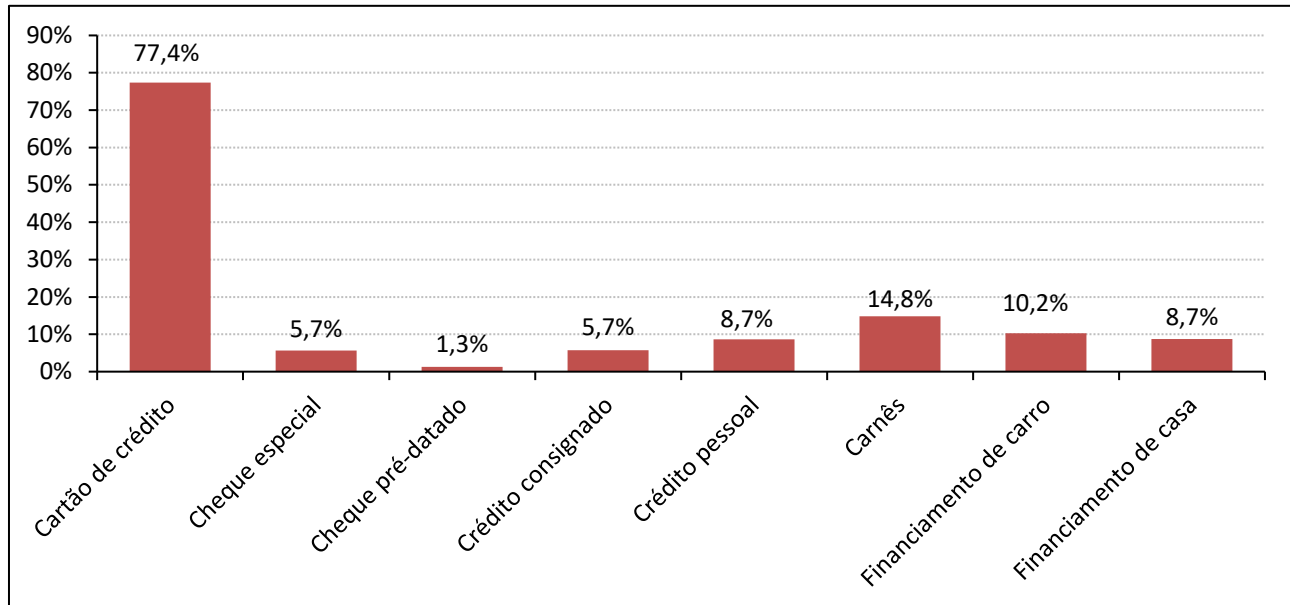
Gráfico 4. Brasil: Nível de Endividamento e Inadimplência (CNC) de nov.12 a nov.18.



Fonte: CNC.

Ao analisarmos a concentração das dívidas por tipos (Gráfico 5), o cartão de crédito aparece com 77,4% do total de dívidas, seguido por carnês com 14,8% e o financiamento de carros com 10,2%. Entretanto, ao analisarmos a concentração destas dívidas conforme a renda mensal das famílias, observa-se mudança de peso da dívida com financiamento de carro que assume a segunda posição e representa 19,5% do peso no total de dívidas para aqueles com renda superior a 10 salários mínimos mensais.

Gráfico 5. Brasil: Concentração e Tipos de Dívidas no mês de novembro de 2018.



Fonte: CNC.

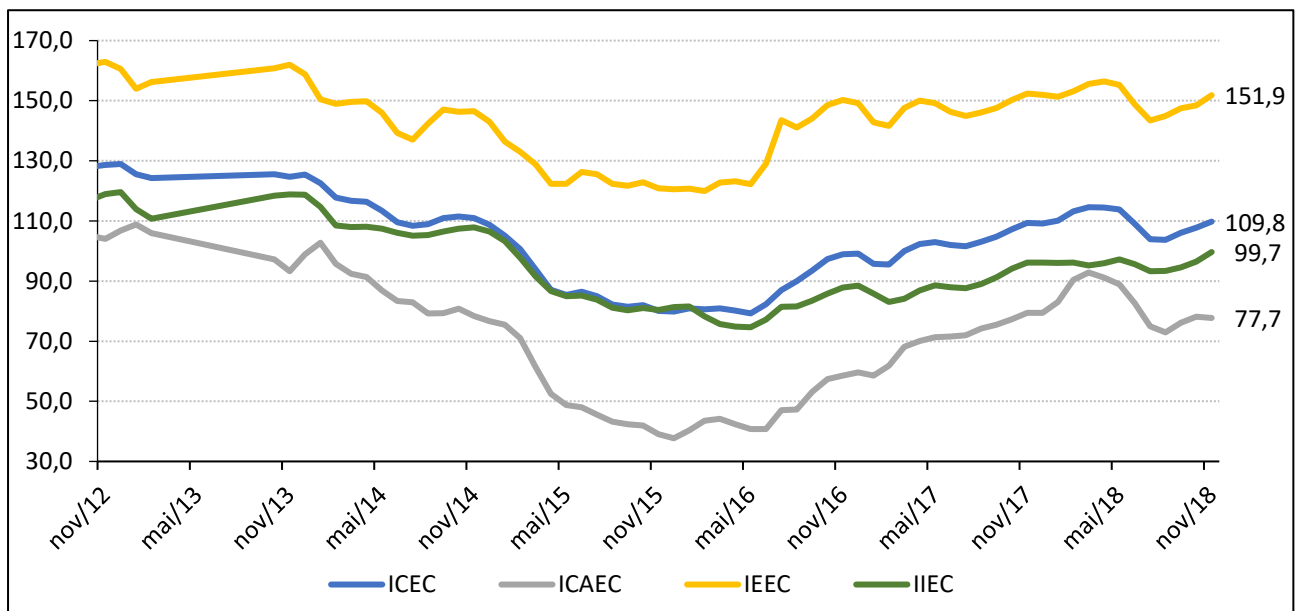
O nível de crédito é um importante indicador para o comércio, pois quando crescentes, possibilita a ampliação da margem de vendas pelo lado do consumo e para os empresários do setor, a traduz em oportunidade para expandir investimentos em estoques e contratações. Como efeito direto dos elevados níveis de endividamento e inadimplência observados no terceiro trimestre deste ano, houve queda na concessão de crédito para pessoa física e jurídica de agosto a setembro, conforme dados do Banco Central.

1.1.3. Confiança do Empresário do Comércio

Em novembro, o indicador da CNC que mede o nível de confiança empresarial no Brasil registrou a sua maior alta em nove meses (+1,4% em sua variação mensal), alcançando 109,8 pontos em novembro de 2018. A atual pontuação do Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) confirma a tendência de realização de novos investimentos no comércio, tais como as contratações neste fim de ano, com o subcomponente IIEC que analisa nível de investimentos, estoques e contratações de funcionários atingindo 99,7 pontos e subindo pelo terceiro mês consecutivo. O crescimento do nível de confiança empresarial para contratar confirma a tendência de melhora no mercado de trabalho nacional que, no terceiro trimestre, gerou 308 mil vagas de emprego formal.

O subcomponente que analisa as expectativas empresariais em relação à economia, às empresas comerciais e ao setor do comércio, mostra tendência de elevação continuada e atingiu 151,9 pontos dentro do ICEC. O subcomponente IIEC está ancorado a melhora das despesas com consumo das famílias que cresceu 2,3% no terceiro trimestre conforme dados do IBGE. O consumo das famílias vem avançando gradativamente e o melhor trimestre em contratação dos últimos quatro anos, no mercado formal, segundo dados do CAGED, projetam manutenção das expectativas dos empresários do comércio em níveis acima do grau de satisfação da economia no indicador que é de 100 pontos, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 6. Brasil: Evolução do Índice de Confiança do Empresário do Comércio - ICEC – nov.12 a nov.18.



Fonte: CNC.

O subcomponente que mede as condições atuais da empresa, da economia e do setor comércio, alcançou 77,7 pontos contaminado pela insegurança econômica vivida durante o período eleitoral. O indicador tende a elevar sua pontuação na medida em que começa a sofrer os impactos positivos da esperada ampliação do volume de vendas.

As expectativas empresariais diante da redução do desemprego em diversos setores da economia e a definição do cenário eleitoral, levaram a CNC a revisar de 1,3% para 1,4% o crescimento do PIB em 2018, e ajustar para 2,7% a previsão de crescimento do PIB para 2019. A instituição também reviu a previsão de vendas no varejo para 4,5% em 2018 e de 5,2% em 2019, como reflexo das expectativas com a evolução esperada para a economia nacional no fechamento do quarto trimestre de 2018.

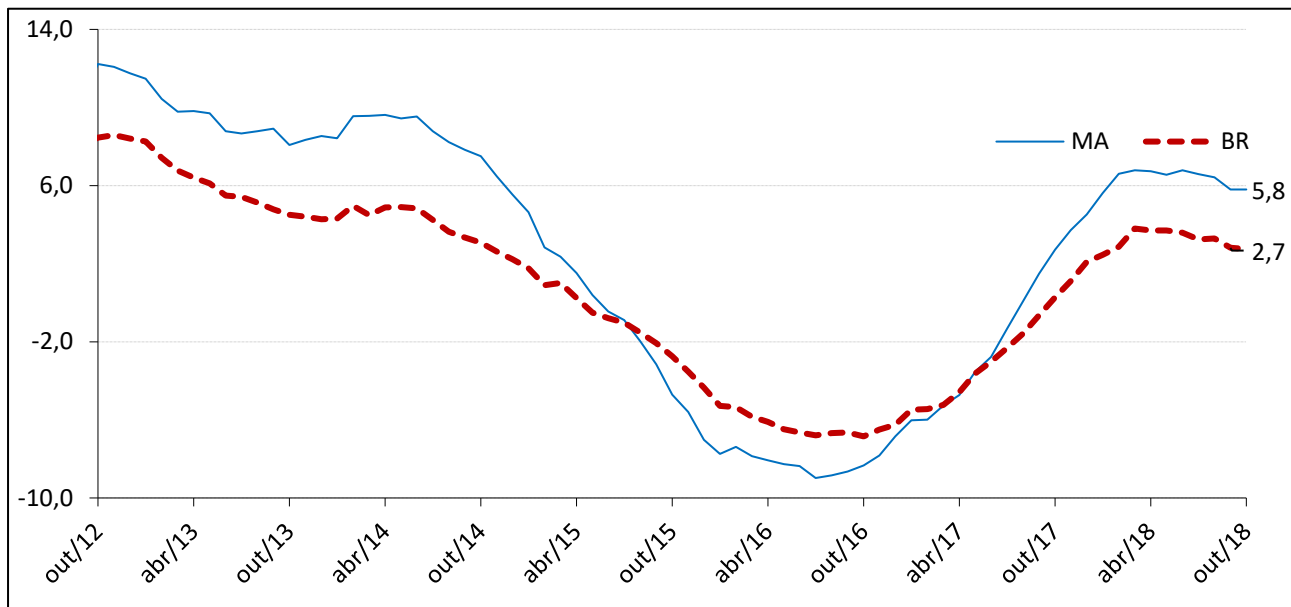
2. COMÉRCIO ESTADUAL

2.1. Comércio

Em outubro de 2018, o varejo restrito maranhense apresentou o segundo resultado negativo consecutivo em volume de vendas físicas, acumulando um recuo de 3,5% no terceiro bimestre de 2018.

O comércio maranhense apresentou, em outubro, recuo de 1,8% em seu volume de vendas físicas no varejo restrito e que se somado a setembro chega a 3,5%. Apesar da queda das vendas neste período, os resultados são superiores ao mesmo período do ano anterior, com avanço de 5,6% em outubro e de 7,9% quando somado a setembro. O volume de vendas no acumulado de 12 meses do restrito maranhense foi de 5,8%, o dobro do apresentado em âmbito nacional, que foi de 2,7% neste mesmo comparativo, o Maranhão possui evolução no varejo restrito acima do nível nacional desde abril de 2017 (Gráfico 7).

Gráfico 7. Maranhão: Volume de Vendas físicas do Varejo Restrito: Comparativo entre MA e BR - Últimos 12 Meses, de out.12 a out.18.

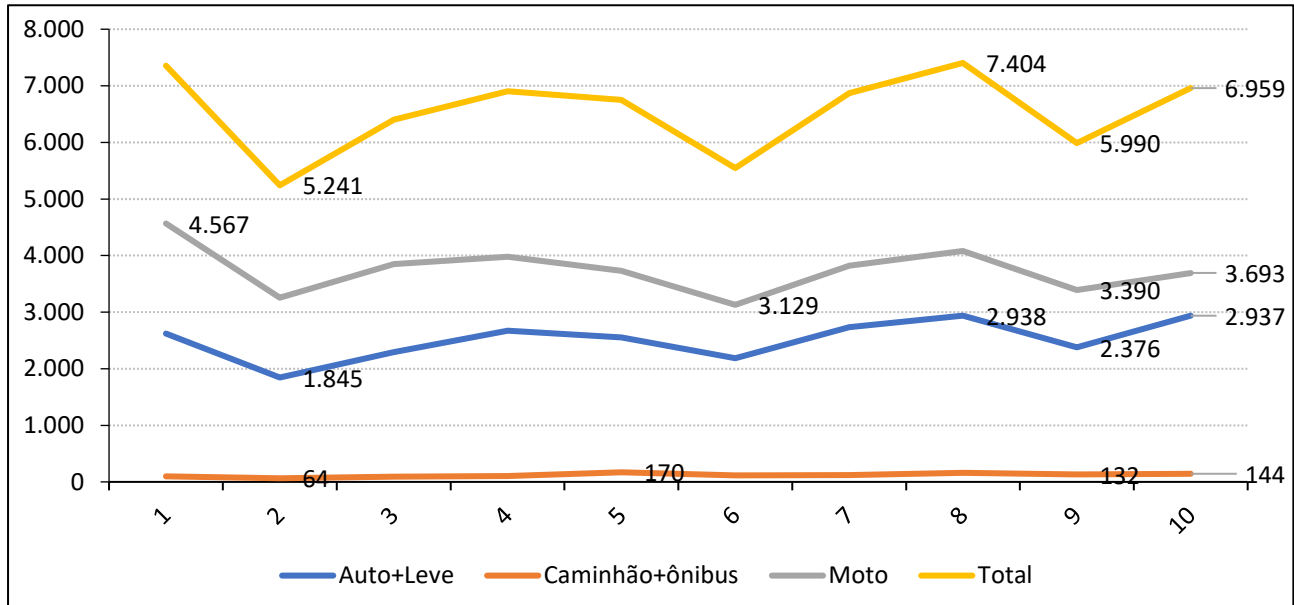


Fonte: PMC, IBGE.

O comércio varejista ampliado recuou 1,3% na variação mensal, mantendo trajetória de queda apresentada nos últimos três meses. As menores vendas no varejo ampliado, se deve ao segmento de *materiais de construção*, enquanto que as vendas de *automóveis e motos* apresentaram avanços nos comparativos mensal e anual em outubro.

Em outubro, o total de vendas de *carros novos* avançou em relação a setembro do mesmo ano em 969 unidades, alcançando 6.959 unidades vendidas no Estado do Maranhão, segundo dados da FENABRAVE. Em comparação ao mesmo período do ano anterior, as vendas avançaram 9,95% favorecida pelas melhores condições de crédito no setor em face da menor taxa de juros real praticada na contratação das operações de crédito. A leve redução da inadimplência A venda de auto + leve na variação mensal alcançou 2937 unidades e avançou em 561 unidades e próximo de sua máxima em agosto quando alcançou 2938 unidades. Os dados de vendas da variação mensal em outubro indicam recuperação do setor após o recuo ocorrido em setembro quando as vendas foram de 5.990 unidades. Anterior a setembro, o segmento havia passado por uma sequência de três altas seguidas, culminando no melhor resultado do ano em agosto quando alcançou 7.404 unidades vendidas.

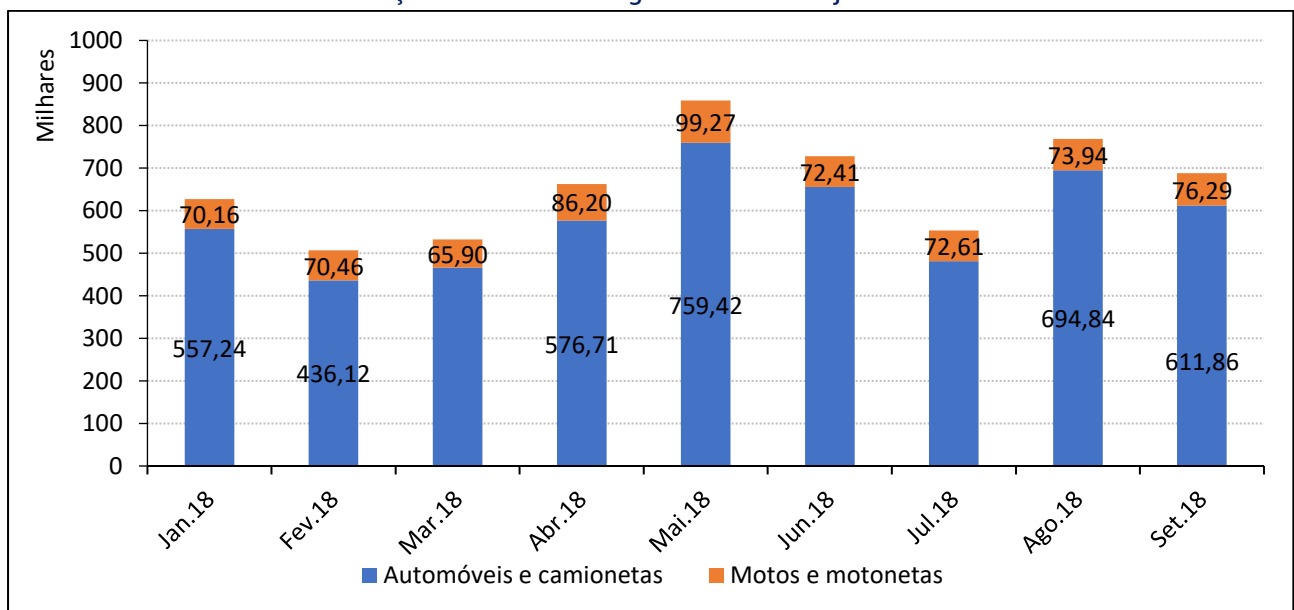
Gráfico 8. Maranhão: Evolução das Vendas de Carros Novos de janeiro a outubro de 2018.



Fonte: FENABRAVE.

Analisando os dados sobre o ICMS do Estado durante 2018 sobre a venda de carros novos, confirma-se a queda da arrecadação em setembro quando comparado ao mês anterior. Isto se deve em grande parte ao bom desempenho de agosto, quando houve entrada de recursos extras na economia e aos juros praticados no segmento, que estiveram mais atrativos ao financiamento das vendas. Analisando a evolução dos tipos de dívidas na maior praça comercial do Estado, observamos que dívidas com financiamento de carros representavam 8,4% do total das dívidas no orçamento das famílias em São Luís e no mês de setembro recuaram para 7,9%, constatando a inflexão de desempenho do consumo no setor Auto de agosto a setembro de 2018.

Gráfico 9. Maranhão: Arrecadação de ICMS no Segmento Auto de janeiro a setembro de 2018.



Fonte: SEFAZ/MA.

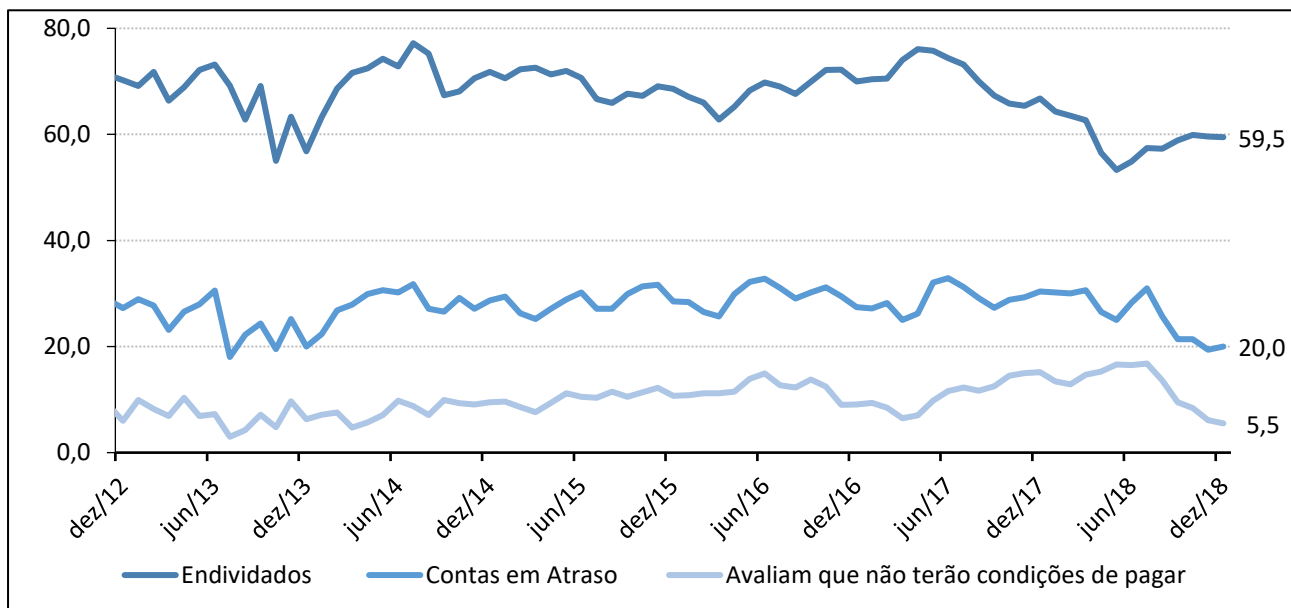
2.1.1. Endividamento e Inadimplência

O indicador PEIC apontou que 59,5% das famílias da capital maranhense estão com algum tipo de dívida, trazendo perspectivas de estagnação na expansão do crédito para o consumo.

Para o mês dezembro, que apresenta a maior data comercial, o nível de endividamento apresentou estabilidade ao oscilar com recuo de 0,1 pontos percentuais em sua variação mensal. A manutenção dos juros das operações de crédito em patamares elevados, aliado ao tênue progresso do mercado formal de trabalho impedem a expansão do endividamento necessário ao financiamento do consumo. A estagnação do nível de endividamento neste período indica que haverá pouca compra por meio de vendas parceladas no volume total de vendas para dezembro.

- A inadimplência deu sinais positivos para a economia local ao manter a tendência de queda pelo quinto mês consecutivo com recuo de 0,6 pontos percentuais na variação mensal, alcançando 5,5% do total de endividados. Enquanto as famílias que declararam possuir contas em atraso avançaram 0,6 pontos percentuais, alcançando 19,4% do total de endividados;
- Estes indicadores vêm demonstrando a pouca melhora das finanças familiares neste final de ano, o que pode vir a comprometer a capacidade das famílias de planejamento de novos gastos no comércio;
- A evolução positiva neste mês das contas em atraso pode representar em curto prazo, o aumento da inadimplência futura, caso haja deterioração no mercado de trabalho após as festas de fim de ano.

Gráfico 10. São Luís: Nível de Endividamento e Inadimplência no Varejo de dez.12 a dez.18.



Fonte: CNC/FECOMÉRCIO.

Dentre os tipos de dívidas com maior impacto no orçamento das famílias, as três maiores são: *dívidas com cartão de crédito* que representam 74,1%, seguido pelas *dívidas com carnês* que alcançam 13,8% e *financiamento de carro* que representam 8,7% das dívidas contraídas.

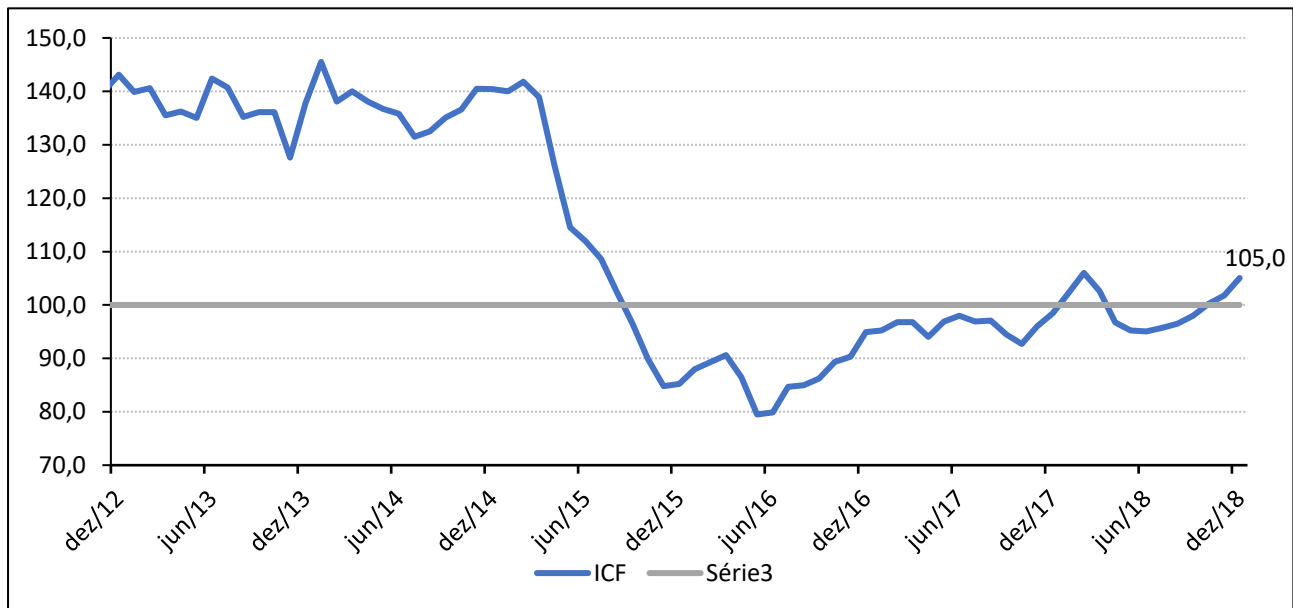
2.1.2. Intenção de Consumo das Famílias

O ICF alcançou 105 pontos em dezembro, atingindo seu maior nível desde julho de 2015 quando marcou 108,6 pontos. O avanço de 3,2 pontos percentuais na variação mensal indica que os

consumidores da capital maranhense estão otimistas em relação a sua perspectiva de consumo para o ultimo mês do ano, apesar da pouca predisposição a contrair dívidas no sistema de crédito, conforme indica o subcomponente de compras a prazo que estabilizou-se ao oscilar negativamente apenas 0,1 ponto percentual e se mantendo abaixo do grau de satisfação da pesquisa com 93,8 pontos.

A melhora do otimismo se dá em face de uma inflação de 3,59% no acumulado do ano, com variação negativa apresentada para novembro de 0,21%, sendo que esta é a menor variação mensal desde a implantação do plano real em 1994 e do aumento de contratações na economia local, 591 novos postos de trabalho apenas na aglomeração urbana de São Luís, conforme dados do CAGED para novembro. Dentro do ICF, a maior alta mensal foi do subcomponente momento para duráveis que subiu 17,7% em função do impacto positivo de R\$ 3 bilhões do decimo terceiro salário na economia maranhense segundo dados do DIEESE.

Gráfico 11. São Luís: ICF em pontos – dez.12 a dez.18, relacionado ao grau de satisfação (100 pontos).

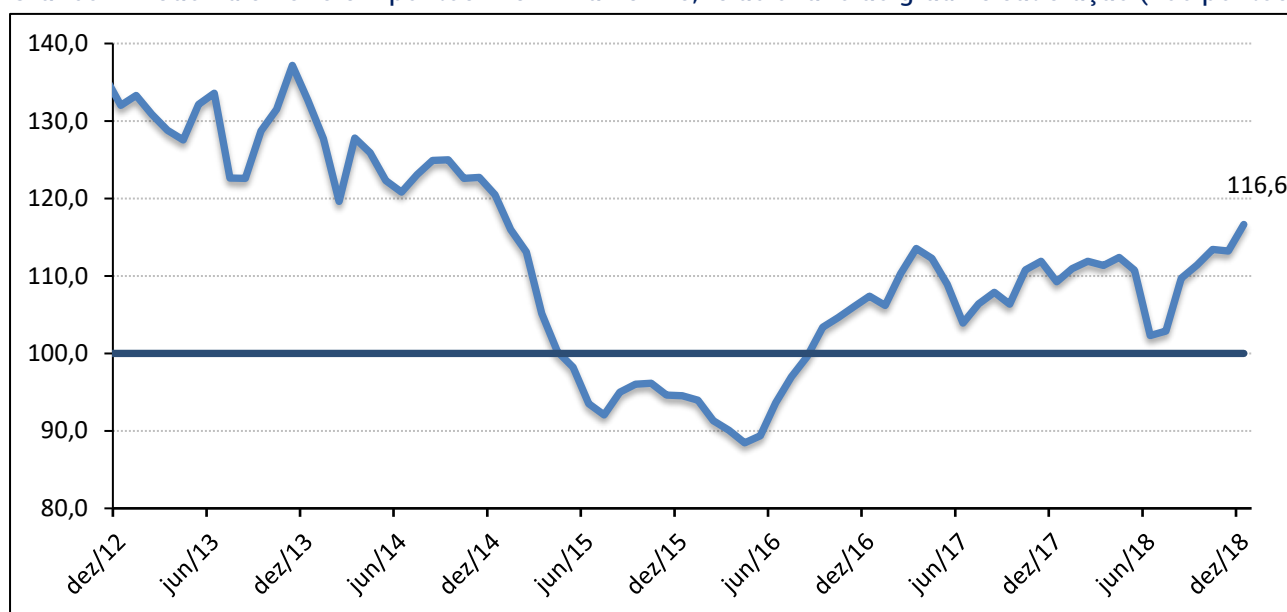


Fonte: CNC/FECOMÉRCIO.

2.1.3. Confiança do Empresário do Comércio

A confiança do empresário da capital maranhense alcançou 116,6 pontos, maior patamar desde dezembro de 2014 quando o ICEC alcançou 120,5 pontos. O avanço mensal de 3,4 pontos percentuais do otimismo empresarial em dezembro se deve a melhora da percepção em relação às condições atuais da economia que avançaram 11% e das condições futuras da economia que subiu 4,9% dentro do indicador. O avanço de 3,5% no nível de investimentos das empresas segundo o indicador sugere aumento do volume de estoques, em face da esperada elevação do quantitativo de vendas para o comércio durante todo o mês de dezembro, dado a entrada do decimo terceiro salário em que os recursos equivalem a 3,2% do PIB e beneficia 1.848.111 trabalhadores do mercado formal maranhense.

Gráfico 12. São Luís: ICEC em pontos -dez.12 a dez.18, relacionado ao grau de satisfação (100 pontos).



Fonte: CNC/FECOMÉRCIO.